



Experiências do processo de construção de um banco de sementes no Norte Fluminense

Experiences of the process of building a seed bank in Norte Fluminense

KORT-KAMP, Maria Heloisa de Souza
Universidade Federal Fluminense, mariaheloisaid.uff.com.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: O presente relato visa mostrar a experiência vivenciada no processo de desenvolvimento, que está em curso, do Banco Comunitário de Sementes no município de Campos dos Goytacazes, através da parceria do Núcleo de Estudos Rurais (NuERs) com os agricultores e agricultoras do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) que ocupam o Acampamento Cícero Guedes. O projeto tem como alguns de seus interesses a salvaguarda de sementes crioulas, preservação da biodiversidade local, garantia à alimentação e reforço dos laços sociais. Por se tratar de um grupo de pesquisa na área das ciências sociais, mais especificamente da área da antropologia, o desenho do banco é pensado de forma interdisciplinar em diálogo com os agricultores/as. Para isso foi realizado um levantamento documental e a produção de cartilhas e jogos visando estabelecer trocas significativas nas interações para que o desenvolvimento culmine na sua implementação futura.

Palavras-Chave: biodiversidade; sementes crioulas; agricultores/as familiares.

Contexto

A experiência a ser compartilhada do desenvolvimento do Banco Comunitário de Sementes (BCS), no município de Campos dos Goytacazes, localizado no Norte do estado do Rio de Janeiro, região Sudeste do Brasil, tem por objetivo enriquecer o debate sobre biodiversidade atrelado aos conhecimentos dos agricultores/as. Por meio disso pensar sobre as maneiras agroecológicas de preservação e plantio de sementes crioulas.

O projeto iniciou em 2019 e a partir de um levantamento foi verificado que não havia BCS na região e que houve uma tentativa anterior realizada pela Pesagro-Rio, mas que não foi adiante. Durante a pandemia, a pesquisa seguiu de modo remoto com reuniões para discussão bibliográfica e levantamento documental. Foi nesse momento que se deu a inserção da autora na pesquisa como bolsista de extensão. O desenvolvimento do BCS foi iniciado em um acampamento que fica localizado em uma área que antes funcionava uma usina de cana-de-açúcar, onde ocorria a monocultura da mesma.

Descrição da Experiência

A metodologia utilizada se baseia na pesquisa qualitativa, a partir de um trabalho etnográfico nas atividades propostas para o desenvolvimento e implementação do



banco de sementes. Em 2019 e 2020 foram realizadas entrevistas em survey. Durante o período de isolamento da covid-19 no ano de 2021 e no qual a universidade ainda não estava operando de maneira presencial, que foi o momento em que a autora passou a compor a equipe, o principal enfoque foi o levantamento documental e o desenvolvimento de uma cartilha para guiar a construção das oficinas.

A cartilha foi um instrumento que condensou esse levantamento e serviu de guia, contendo informações interdisciplinares que nós na área de ciências sociais antecipamos que poderiam surgir como dúvidas ao longo desse processo.

A ideia principal era realizar uma construção em parceria do Núcleo de Estudos Rurais UFF com os agricultores/as, e não criar uma imposição de como seria essa formação para os mesmos, pois os laços e respeito aos saberes era fundamental para gerar um projeto sólido e de integração entre a universidade e a comunidade.

Após o período crítico da pandemia de covid-19 e com a volta das aulas presenciais no ano de 2022 o trabalho passou a se concentrar na realização de oficinas no acampamento Cícero Guedes. Inicialmente apresentou-se a tecnologia do Banco de Sementes os/as agricultores/as e se deu um panorama de como ele funciona. Ocorreu a devolutiva do interesse dos assentados em participar desse projeto. A maior parte dos frequentadores das oficinas são agricultores e agricultoras, moradores do município de Campos dos Goytacazes, ainda na situação de acampados, onde seus recursos para cultivos são muito escassos e a implementação do BCS traria benefícios.

Garofolo descreve o banco como uma tecnologia social, ao afirmar que "Uma tecnologia Social caracteriza-se pela construção de soluções de modo coletivo pelos atores que irão se beneficiar dessas soluções." (GARÓFOLO. 2017. p.52). Para tal, os temas debatidos em cada oficina no processo de construção do banco foram realizados a partir das demandas das agricultoras e agricultores. Foi pensado para isso a dinâmica que instigasse o interesse e que nós pudéssemos ter um retorno. Destarte, a dinâmica das oficinas ficou da seguinte maneira: apresentação do tema da oficina, apresentação de um material audiovisual que fizesse uma síntese do tema, exposição de fotos de outras experiências e ao final uma dinâmica para verificação do avanço nos tópicos trazidos (por exemplo jogos de memória, cartas e etc.) e a coleta de dúvidas para serem trabalhadas na próxima oficina.

Dessa maneira notou-se que o grupo interagiu bastante trazendo dúvidas e experiências; eles conseguiram realizar um paralelo entre as experiências mostradas e os seus contextos de vida no campo.

Alguns dos temas trabalhados durante as oficinas foram: a agrobiodiversidade, sementes crioulas, diferença entre sementes tradicionais e transgênicas e o impacto do uso de agrotóxicos. Para tal, fez-se uma contextualização histórica da evolução dos modelos de cultivo, passando pela revolução verde, implementação de



sementes transgênicas até chegar no uso de BCS como uma alternativa agroecológica ao sistema atual de produção de alimentos e sementes.

Uma das bases teóricas utilizadas para pensar o desenvolvimento do banco é a autora Anna Tsing (2019) que pensa o mundo a partir das ruínas do capitalismo. A autora escreveu sobre maneiras de co-existir entre o humano e o não humano (TISING, 2019). Para Tsing, viver em assembleia é a possibilidade de partilhar a existência no mundo com os não humanos respeitando sua existência e não se sobrepondo como ser superior. Seu conceito de perturbações, causadas pela existência de vidas em um mesmo espaço provocando ações e reações entre as mesmas. Ela aponta para o fato de que essas são necessárias para a continuidade da vida, mas é preciso a consciência que a perturbação pode levar a destruição, a depender da desigualdade de forças despendidas nas relações entre humanos e não humanos.

Sua crítica se estende ao pensar os sistemas de “plantation” e sua “escalabilidade” que visam elevar a produção ao máximo sem pesar as consequências que serão experienciadas primeiramente pelo não humano, com a extinção de diversidade entre outras alterações no ciclo, e depois por nós humanos pelos impactos que a padronização e monotonia causa.

Nesse sentido, a salvaguarda de sementes propiciada pelo BCS opera de maneira diferente, pois a diversidade de mudas e sementes é mantida e multiplicada, pensando o ambiente local e respeitando os conhecimentos dos/as agricultores/as que são agregados a fim de ampliar a disponibilidade, qualidade e diversidade de espécies, assim como impactar na qualidade de vida através um ambiente e uma alimentação mais diversos e saudáveis.

As sementes tradicionais possuem maior adaptabilidade e resistência, o que dá aos agricultores/as a liberdade de não precisarem dos fertilizantes e pesticidas que a indústria vende quase que compulsivamente junto com as sementes modificadas em laboratório, retirando a autonomia dos pequenos agricultores e agricultoras. Pensando desta maneira o projeto une o campo das Ciências Sociais sob o direcionamento do NuErs e os saberes dos agricultores locais, a partir de um projeto de pesquisa e extensão da universidade, a fim de juntos trabalharem em um modelo benéfico ao crescimento regional.

Diante das experiências trazidas, os agricultores e agricultoras viram a possibilidade de acessar as sementes e realizar a multiplicação das mesmas e de suas mudas com os companheiros de luta. Muitas das dificuldades nesse processo de obter sementes e manter a plantação foram expostos por eles. Foi trazido para o debate como a legislação sob lobby de grandes “marcas de sementes”, nos dias atuais, dificulta a venda de sementes crioulas e tornando o acesso dificultado, forçando os agricultores que não tem sementes a comprar das sementes “com registro”.



Os próprios agricultores/as compreendem a dificuldade que é para plantar as sementes modificadas a cada nova safra, pois as mesmas segundo eles "perdem a força" e ficam feias e muitas vezes nem chegam a se adaptar. Essa instabilidade da semente gera insegurança alimentar, reduz a biodiversidade de sementes plantadas, gerando redução cada vez mais crescente na diversidade de espécies na natureza e uma padronização forçada, o que ameaça o livre uso da biodiversidade nos territórios.

Dentro desse cronograma de debates a última oficina ocorreu em abril, antes de iniciar a JURA (Jornada Universitária pela Reforma Agrária), e ficou acordado que seriam realizadas entrevistas individuais sobre os temas debatidos durante as oficinas anteriores.

Resultados

O projeto ainda está em curso e não há um resultado final, mas a partir do estágio atual pode-se analisar o que já foi construído dentro desse processo de desenvolvimento. A oficina é onde os encontros com os agricultores/as ocorre e essa ferramenta de dinâmica participativa é fundamental para a construção do BCS e por isso, desenvolvem-se próprios materiais para esse trabalho. Os jogos já citados foram construídos pensando em fixar os tópicos abordados, assim como fazer a verificação em quais pontos é necessário que haja reforço na comunicação. Além disso, permite avaliar questões vivenciadas cotidianamente por parte dos agricultores/as que somente se apresentam de forma espontânea.

Em continuidade com uma agenda agroecológica, o projeto de Bancos Comunitários de Sementes tem o cuidado de estar sempre reforçando os impactos positivos da agrobiodiversidade nos plantios, dos benefícios da guarda de sementes locais por parte dos agricultores/as e da segurança alimentar proporcionada. Em uma das atividades pediu-se que os agricultores e agricultoras levassem mudas e sementes para apresentar aos companheiros e já poderemos identificar quem tinham sementes e quais eram. Um dos agricultores levou uma muda de moringa que segundo ele, foi responsável por diversas vezes matar a fome da sua família, além de ser um instrumento de guarda de memória, pois a mesma estava em sua família havia 4 gerações.

Atualmente na etapa de entrevistas o foco será coletar dados para a próxima fase, que será a de formação do banco a partir do desenho de como será esse processo, tendo em vista que é uma tecnologia social que necessita de participação coletiva de todos os associados para elaboração das regras e do regimento. Como primeira experiência no município de Campos dos Goytacazes, esse projeto pode se tornar uma referência de um modelo sustentável na região, visando também um comércio para a garantia da soberania alimentar através de uma socialidade mais que humana.

Tais colaborações podem tornar possível entender a socialidade humana não como conquista sobre outras espécies, nem como um paralelo a outras



formas de ser - mas como um ingrediente em mundos sociais nos quais humanos e não humanos vivem juntos. A socialidade mais que humana é o nosso mundo e também o deles. (TSING, A.2019. p.138).

A socialidade mais que humana nesse projeto nos propõe reflexionar que para cultivar é preciso pensar além de humanos no centro do mundo dominando as espécies e os chamados recursos, todavia, pensar esse mundo que nos integra rompendo a divisão entre cultura x sociedade que nos atravessa no modelo capitalista ocidental atual.

Agradecimentos

O projeto acontece a partir do Núcleo de Estudos Rurais da UFF e sem o apoio das instituições de fomento à pesquisa e extensão não seria possível realizá-lo. Logo, agradecimentos à Pró-Reitoria de Extensão da UFF (PROEX), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e ao programa Mais Ciência de Campos dos Goytacazes.

Referências bibliográficas

GAROFOLO, Ana C. S. **Programa Banco Comunitário de Sementes de Adubos Verdes: possibilidade de geração de capital social no estado do Rio de Janeiro.** Tese (Doutorado em Engenharia Agrícola) - Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo.** N-1 Edições, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno.** Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.